

**POESIA DO SONHO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE *QUARTO DE DESPEJO*:  
DIÁRIO DE UMA FAVELADA E PROTESTO**

**DREAM POETRY: A COMPARATIVE ANALYSIS OF *QUARTO DE DESPEJO*:  
DIÁRIO DE UMA FAVELADA AND PROTESTO**

**DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19377**

**Eliesio Costa Lima<sup>1</sup>  
Julio Lopes Cruz<sup>2</sup>  
Kátia Carvalho da Silva Rocha<sup>3</sup>**

**Resumo:** As obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Protesto*, de Carlos de Assumpção, escritas na década de 1950, revelam uma voz de tonalidade lírica, que busca afirmar a identidade negra como sujeito de direitos em uma “pátria que enjeita”, um Brasil que marginaliza o povo negro. Este estudo, baseado em Moisés (2019), Paz (1982), Bernd (1992), Gonzalez (2020) e outros, apresenta uma análise comparativa das dimensões poéticas dessas obras, expressando o sonho da liberdade de existir, um sonho coletivo que aquece e move os corações e corpos negros.

**Palavras-chave:** literatura afro-brasileira; liberdade; sonho; poesia.

**Abstract:** The works *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, and *Protesto*, by Carlos de Assumpção, written in the 1950s, reveal a voice with a lyrical tone, which seeks to affirm black identity as a subject of rights in a “homeland that rejects”, a Brazil that marginalizes black people. This study, based on Moisés (2019), Paz (1982), Bernd (1992), Gonzalez (2020) and others, presents a comparative analysis of the poetic dimensions of these works, expressing the dream of freedom to exist, a collective dream that warms and moves black hearts and bodies.

**Keywords:** Afro-Brazilian literature; freedom; dream; poetry.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e mestrando no Curso de Pós-Graduação em Letras - PPGL de UEMASUL. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2498-606X>.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL, da UEMASUL. Professor da Rede Municipal de Ensino de Porto Franco – MA. Membro do Grupo de Estudos Literários e Imagéticos de Imperatriz (GELITI). E-mail: juliocruz.201748577@uemasul.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5982-0367>.

<sup>3</sup> Doutorado em Ciência da Literatura (UFRJ). Docente da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UEMASUL), Mestrado em Letras – Modalidade Profissional. Membro do Grupo de Estudos Literários e Imagéticos de Imperatriz (GELITI). E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9391-0526>.

## Introdução

Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença: ‘Acreditamos que essas verdades são evidentes, que todos os homens são criados iguais.’ (King, 2006, p. 7).

Desde que o homem teve consciência de sua existência e do vazio que o rodeava, lançou-se à arte como tentativa de dar sentido à vida e ao mundo. Criaram-se as pinturas rupestres, a música, a dança e as declamações que visavam à diversão, à imersão espiritual e à aproximação com o transcendental, isto é, com o divino. Dentre essas formas de arte, a poesia nesse contexto se destacou não apenas pelo valor estético, mas pela sua capacidade de recriar a realidade, evidenciando, dessa forma, o poder transformador da palavra. A poesia desafia os limites da linguagem ao provocar olhares inaugurais sobre o mundo.

Nesta perspectiva, Paz (1982, p. 43) afirma que a palavra “é uma ponte através da qual o homem tenta superar a distância que o separa da realidade exterior”. Isso é possível com mais intensidade somente por intermédio da poesia, que toca o mais íntimo do ser humano e que, enquanto criação simbólica advinda da palavra, atua como mediadora entre o homem e o mundo, revelando seus anseios, suas vivências e conflitos. Dentro desse contexto, o texto poético atua também como instrumento de resistência e transgressão, e, por conseguinte, de transformação da realidade de comunidades marginalizadas.

A poesia afro-brasileira, assim como a ficção e as escritas do eu que formam a produção negra brasileira, emerge como um grito de resistência diante das estruturas de opressão, presente no cânone literário brasileiro. Contudo, sabe-se que durante algum tempo toda essa produção necessária e de inegável qualidade foi pouco lida, divulgada e investigada, o que revela o apagamento percebido tanto no que se refere aos meios de circulação de saberes (jornais e revistas) como aos espaços de discussão, análise e consagração (escolas, universidades e academias). Assim, esse desprezo e rejeição à literatura negra faz ecoar as reflexões de Duarte (2005) quando afirma que “Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido”.

Dessa forma, para o povo negro a poesia representa não apenas uma arte de valor estético, mas também uma forma de resgate de sua ancestralidade e de afirmação de identidades, superando os estereótipos existentes. Ao longo de séculos, poetas, poetisas, escritores e escritoras como Auta de Souza, Luiz da Gama e Maria Firmina dos Reis enfrentaram a invisibilidade imposta por um sistema hegemônico, enquanto vozes contemporâneas como Luiz

Silva Cuti, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção, na contemporaneidade têm subvertido estruturas de poder. Esse movimento de subversão faz referência à perspectiva decolonial, visto que promove a ruptura de ideias eurocêntricas, possibilitando que, através da literatura e da arte de forma geral, sejam iluminadas as experiências de autoras e autores afro-brasileiros.

Evaristo menciona que “Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido, o dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento” (Evaristo, 2009, p. 28). Essa atitude é por demais relevante e necessária, dado que a desconstrução das estruturas sociais racistas só se concretiza com a emergência de movimentos decoloniais, proporcionando, assim, a autoafirmação das identidades negras. Outrossim, Ribeiro (2020, p. 44) afirma que “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”. É exatamente isso que Carolina faz ao ter a coragem de se autoafirmar como poetisa, escritora e intelectual, rompendo com o padrão colonial que renegava o sujeito negro, imputando-lhe o silenciamento.

Do mesmo modo, Carlos de Assumpção, autor negro que surge no contexto literário sobretudo com publicação de *Protesto* (1982), também é uma voz contemporânea que desafia e rompe com padrões hegemônicos na literatura brasileira. Diferente de Carolina, que se destaca principalmente pelo seu texto do gênero diário, sua escrita se concentra majoritariamente no texto poético, o que não impede conexões diretas entre as temáticas e estilos dos dois autores. Carolina, apesar de escrever um diário, introduz em seu texto aspectos poéticos constantemente e de forma proposital, de modo que, ainda que este aspecto não tenha sido muito explorado pela academia, pode ser identificado com uma leitura atenta.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), assim como em *Protesto* (1982), há um grito incessante de denúncia das desigualdades e um clamor por um mundo mais justo, representado pelo sonho compartilhado pelo sujeito negro em todas as partes alcançadas pela diáspora africana. Dessa forma, se pretende com este trabalho comparar o aspecto poético nas obras *Quarto de despejo: diário de uma favela*, de Carolina Maria de Jesus, e *Protesto*, de Carlos Assumpção, destacando a maneira como se constrói, nessas obras, o sonho coletivo de liberdade em um Brasil diverso, mas ainda dominado, em parte, por uma elite patriarcal branca que renega e lança às margens aqueles que lhe são diferentes, estabelecendo, assim, marcas da literatura decolonial na escrita de ambos. Para tanto, recorreu-se aos pensamentos de Paz

(1982), Moisés (2019), Fonseca (2006), Bernd (1992), Gonzalez (2020), Duarte (2005), Ribeiro (2020) e outros.

Este estudo está organizado em cinco partes. A primeira, esta introdução, trata de breves considerações acerca do conceito de poesia e da marginalização da literatura afro-brasileira, o que será aprofundado nas demais partes. Em seguida, apresenta-se uma discussão a respeito da poesia e literatura negra no Brasil, prosseguindo com dados da vida e obra de Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção, além de apontamentos da condição do negro brasileiro na década de 1950 a 1960. Esse período inclui a escrita de *Quarto de despejo* e do poema *Protesto*, escrito e declamado especificamente em 1956, e posteriormente incorporado à obra homônima publicada em 1982. Depois, apresenta-se uma análise das duas obras, fazendo uma inter-relação de temáticas e aspectos inerentes à poesia brasileira que estão presentes em ambas as obras. Por fim, são tecidas considerações acerca da leitura empreendida.

### **1 Poesia negra brasileira: a busca por uma definição do ser**

A poesia afro-brasileira possui relações com a tradição oral, pois, se sabe que a prática da oralidade era comum em diversas culturas da África, assim como em outras populações tradicionais, como, as ribeirinhas no território amazônico, a título de exemplo, o que contribuiu sobremaneira para o surgimento da literatura afro-brasileira, tanto em prosa quanto no poético. Por seu turno, a tradição oral, como destaca Machado (2006, p. 79):

[...] é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. Nas culturas africanas, tudo é ‘História’.

Desse modo, em reuniões noturnas, às escondidas, ou em qualquer oportunidade, os povos africanos escravizados transmitiram suas identidades, mitos, ensinamentos éticos, morais, canções e expressões poéticas as quais, supostamente, podem ter sido manifestações que influenciaram o desenvolvimento da poesia afro-brasileira. Vê-se, neste sentido, um movimento que transgride o silenciamento imposto, e isso só prova que propostas decoloniais, embora durante muito tempo repreendidas, sempre se fizeram presentes.

Mais tarde, durante o século XIX, surgiram escritores e poetas negros, como Luiz da Gama (1830 – 1882) e Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), importantes figuras que, sendo adeptos do movimento abolicionista, dedicaram-se a defender a causa do negro brasileiro, a igualdade e o enfrentamento ao racismo. *Úrsula* (1859), de autoria de Maria Firmina, é

considerado o romance pioneiro desse movimento e, ainda, o primeiro escrito por uma mulher negra no Brasil.

Acerca disso, Pereira (2019, p. 994) descreve que:

[...] Maria Firmina tornou-se a primeira escritora afrodescendente a publicar um romance no Brasil, livro esse revelador de uma dupla ousadia: a primeira, de ter sido escrito por uma mulher, e, a segunda, de ter marcas abolicionistas em sua narrativa.

Assim, o seu texto é considerado um marco na literatura brasileira à medida que discute abertamente temas como a crueldade da escravidão e apresenta uma nova visão do ser negro na literatura, indo além dos estereótipos do “negro de alma branca” (que se adéqua aos padrões da cultura branca), animalesco, malvado e, principalmente, submisso a quem o oprime.

A contribuição de Luiz da Gama, de igual modo, foi essencial para o fortalecimento do sentimento de identidade negra e para a defesa dos ideais de igualdade social. De acordo com Gomes (2020), sua crítica antecipou o debate sobre as identidades, um dos temas mais importantes dos séculos XX e XXI, existindo naquele período o debate em torno da identidade nacional no pós-independência, quando se tentava criar uma versão idealizada dos povos indígenas, pelo mito do “bom selvagem”, presente em algumas obras literárias brasileiras. Além disso, Gomes (2020) destaca que, indo além, Gama se opôs à figura literária do escravizado, destituído de voz e humanidade, modo pelo qual os negros eram representados na época. Dessa maneira, forjava-se uma literatura negra forte e verossímil.

Destaca-se ainda, Cruz e Sousa (1861 – 1898), poeta simbolista que também é uma figura fundamental na literatura brasileira e no movimento abolicionista, abordando temas diversos, dentre eles a identidade negra e o preconceito racial. Além disso, sua contribuição está na representatividade negra, uma vez que é um dos maiores representantes do movimento simbolista, ele representa “a personificação da literatura simbolista brasileira” (Figueiredo 2021, p. 15), fortalecendo, conseqüentemente, o sentimento coletivo de empoderamento da população negra, pelo grau de prestígio social que alcançou sendo um poeta e sujeito negro inserido numa sociedade historicamente racista.

No período do pós-abolicionismo, menciona-se Solano Trindade (1908 – 1974), poeta que desempenhou também funções como cineasta, folclorista e pintor. Ele foi um dos percursores do movimento negro, tratando de diversos problemas sociais do Brasil, sempre destacando a causa das pessoas pretas e a valorização da cultura afro-brasileira, o que contribuiu também para o fortalecimento da identidade negra na literatura brasileira, de modo que Bernd (1992, p. 46-47) chega a dizer:

Alicerçando-se numa busca de identidade, que não é apenas individual ou nacional, mas solidária com todos os negros da América, a produção poética de Solano Trindade é talvez a que, dentre todos os poetas brasileiros, apresenta maior número de elementos comuns com a maior poesia negra que já se produziu nas três Américas.

Desse modo, Solano Trindade é um dos escritores mais influentes da poesia negra brasileira, por traduzir a realidade do sujeito negro a partir de múltiplas perspectivas e defender a sua causa de forma solidária, ao mesmo tempo, caminhando rumo à construção de uma identidade. Contudo, mesmo com a ascensão de escritores e escritoras negras na literatura escrita, diversas obras que abordavam a tradição e a cultura negra ficaram de fora do cânone literário brasileiro (muitas ainda continuam), e as poucas que entraram, mantinham personagens estereotipados. Outrossim, os autores e autoras negras eram também mostrados de forma pejorativa ou inferiorizada, conforme menciona Fonseca (2006, p. 13):

é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo ‘cânone literário’, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país.

Essa exclusão do cânone fez com que se configurasse ainda mais uma literatura de resistência e da busca pelo reconhecimento da pessoa negra como sujeito pleno, uma busca pela afirmação da identidade negra. Aqui é preciso mencionar que, na poesia, de modo geral, como destaca Moisés (2019), desde a chegada da imprensa, na era Gutenberg, quando houve a transição do texto oral para o escrito, a identidade do poeta foi posta em conflito, passando a depender da aceitação do leitor e, ao mesmo tempo, passando a ser uma busca do poeta de si próprio. Essa busca perpassou a poesia moderna e chega até hoje.

A identidade do poeta é, em parte, definida pela recepção do público leitor. Por outro lado, ele mantém sua singularidade, de modo que sua voz representa simultaneamente uma expressão individual e coletiva, profundamente conectada à memória. É, pois, um ser cuja essência transita entre o fluxo individual e as influências externas e históricas de sua comunidade, pois, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 2006, p. 69). Logo, o poeta carrega em si impressões de um passado coletivo que molda a sua produção.

A identidade do poeta, desse modo, encontra-se fragmentada e ainda mais se esse for um escritor negro, cuja identidade tem sido confrontada por uma sequência incessante de estereótipos e imagens negativas que se criaram ao longo da história mundial. Moisés (2019, p.

113) argumenta que na modernidade “a identidade do sujeito se resume a algo que se constrói, para logo em seguida se desmanchar e voltar a se construir, e assim indefinidamente, na sequência aleatória de experiências granulares, intransitivas”. Ora, se a identidade do poeta passa a ser uma busca constante e difícil de se estabelecer, quanto mais é a identidade do poeta negro.

No caso da poesia negra, e da literatura brasileira na totalidade, tanto a moderna quanto a contemporânea, há uma busca pela definição do ser negro, pela afirmação de uma identidade, diversos autores e autoras argumentam que o negro é apresentado a partir de imagens estereotipadas. Menciona-se, como exemplo, Evaristo (2005) ao argumentar que a mulher negra tem sido representada no meio literário até hoje com base nas imagens de seu passado escravo, de um corpo para procriação e para dar prazer ao macho-senhor. A identidade do negro é, portanto, uma busca constante que chega aos dias atuais.

Essa busca enfrenta uma barreira muito bem estruturada no que diz respeito a um imaginário social racista construído e, infelizmente, propagado, pois existe uma memória nacional estabelecida, que é a imagem generalizada e mostrada diversas vezes nos livros, nas mídias e que, por muito tempo, foi ensinada inclusive nos ambientes de ensino. Ao longo de todo o século XX, entretanto, havia movimentos nas instituições e movimentos populares que combatiam o racismo.

Gonzalez (2020) destaca que o movimento negro sensibilizou inclusive setores não negros da sociedade brasileira. A movimentação negra parte então de diferentes áreas. Ratts e Rios (2010) mencionam, por exemplo, o movimento *soul music* que animou a juventude nos bailes, espaços de lazer e que compartilhou, em 1970, com associações negras que naquela época surgiam.

Dentre as associações emergentes, Ratts e Rios (2010) citam algumas instituições do Rio de Janeiro, tais como a Universidade Cândido Mendes, que teve um papel importante no acolhimento de ativistas e estudiosos das pautas raciais, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Assim, ainda que o racismo tenha se institucionalizado e estivesse presente em ambientes de ensino, não se pode negar a luta negra dentro desses espaços no enfrentamento ao racismo.

Como exemplo de resistência aos estereótipos impregnados na memória nacional, além dessas instituições que foram impactadas pelo movimento negro, há também memórias coletivas de comunidades negras, sejam de comunidades quilombolas que mantêm

conhecimentos ancestrais pela tradição oral, seja a memória construída pelos poetas, poetisas e romancistas negros(as), entre outros grupos.

Essas memórias registradas na tradição oral ou na escrita teimam em permanecer vivas ao longo de séculos, manifestando a necessária indignação contra manipulações diversas impostas pelos opressores. É possível verificar esta luta resistente à medida que autores e autoras negras se empenham em demarcar seu lugar na literatura e nos espaços de discussão, lutando pela manutenção da memória de seus grupos e pelo resgate da ancestralidade. Nesse sentido, Pollak (1989, p. 8) destaca que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Desse modo, é necessário que o sujeito negro escreva, fale, poetize sobre as realidades que o cercam, demonstrando, portanto, a própria decolonialidade em ação, dado que ela permite “visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas” (Oliveira; Candau, 2010, p. 24). Por isso, é também imprescindível que autores negros e negras evidenciem em suas obras, por exemplo, a beleza de sua cultura, de sua cor de pele, o orgulho de sua ancestralidade, para que tudo isso não seja lançado ao esquecimento e ao esforço de uma memória mentirosa que tenta impor dominação. Na realidade, Evaristo (2009) destaca que existe um discurso literário que não se nega a expor a identidade negra, pelo contrário, apresenta personagens que expõem seus traços físicos, sua pele e suas heranças culturais de uma forma positiva e, expondo os modos como são inseridos e excluídos na sociedade brasileira. Dessa forma, a literatura afro-brasileira, usando dessas estratégias, contribui para a desconstrução de estereótipos do negro e do mestiço na literatura do país.

É nesse sentido que obras como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Protesto* têm sido produzidas, pois, trazem em seu bojo a voz negra que resgata seu lugar de fala, que impõe sua identidade, seu modo de ser. Carolina, por meio de sua escrita, fez-se ouvir de um lugar socialmente excluído, em uma época em que era quase delírio falar-se em escrita negra feminina, onde o lugar da mulher negra era, forçosamente, à margem, na qual se encontrava silenciada e submissa. Carlos de Assumpção, escrevendo suas poesias no mesmo momento histórico, também não omitiu seu orgulho negro, mas impôs a voz de protesto contra as injustiças que acometiam o sujeito negro da época e, ainda, acometem na atualidade. Ambas as



obras contêm a voz de um ser negro que sonha e busca a liberdade de existir como sujeito pleno em uma sociedade que não mais seria desigual, quando, finalmente, o racismo fosse algo somente do passado.

## **2 Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção: um grito ressonante de protesto**

Vivendo e escrevendo também entre a década de 50 a 60, Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre e mãe solteira, e residindo na favela do Canindé, em São Paulo, (Silva, 2022), enfrentou as mais adversas situações, tendo que trabalhar diariamente como catadora de papel num ambiente hostil, exercendo uma atividade difícil para aquela condição. Nesse contexto, cabe elencar as ideias de Ribeiro (2020), quando ao relacionar o pensamento de Grada Kilomba ao de Beauvoir mostra que se a mulher branca é o “Outro”, construído a partir do olhar masculino, a mulher negra se encontra num estado ainda mais difícil de ter sua identidade estabelecida a partir de si mesma, sendo, portanto, o “Outro do Outro” e, por conseguinte, julgada e excluída pelo gênero e pela cor.

A partir da fala de Ribeiro, compreende-se o lugar social em que se encontrava Carolina, às margens da sociedade, física e conceitualmente, por ser mulher e por ser negra, condição que dificultou ainda mais seu reconhecimento enquanto escritora. Carolina nasceu em Sacramento. Nessa cidade, que fica no interior de Minas Gerais, ela passou a infância; posteriormente, trabalhou com sua mãe na roça e, em seguida, como doméstica (Gonçalves, 2014). Estudando somente “dois anos de grupo escolar” (Jesus, 2014, p. 16), equivalente ao segundo ano do Ensino Fundamental de hoje, adquiriu todo o seu conhecimento e letramento pela experiência de mundo, em contato com jornais, revistas e também cadernos que encontrava pelas ruas (Santos, 2019), muitas vezes lendo os materiais que recolhia do lixo. Já na Favela do Canindé, a autora precisou cuidar de seus três filhos e ali passou a escrever seus diários que, mais tarde, seriam publicados.

Além de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), as obras de Carolina incluem *Casa de alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963), *Pedaços da fome* (1963), *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996) e *Meu estranho diário* (1996) (Jesus, 2014). Entre a década de 50 a 60, período em que essas obras e também *Protesto* foram produzidas (embora algumas tenham sido publicadas décadas depois de sua criação), o sujeito negro não tinha muito reconhecimento artístico e profissional, no entanto, como em uma atitude decolonial e, consequentemente, transgressora, a autora quebra essa parede de impedimento ao conseguir a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* tendo o apoio de um jornalista,

Audálio Dantas, considerado por Antonio Torres, membro da Academia Brasileira de Letras, o leitor número um de Carolina Maria de Jesus.

A publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é categórica para o escritor e escritora negra da década de 1960 e ainda hoje, visto que ela desafia as estruturas racistas e elitistas que historicamente excluíram as vozes negras do mercado editorial e do cânone literário. Ela é mencionada por Moreira e Costa (2023, p. 54) como “uma das primeiras autoras negras a publicar no Brasil”, sendo, portanto, uma das autoras que mais contribuiu para a descolonização do saber no cenário brasileiro. Miranda (2019) também destaca a importância da escrita de Carolina por se tratar de uma fala em primeira pessoa, mas apresenta uma problemática na publicação de seu diário:

[...] se a autora representa o momento no qual o sujeito periférico sai da condição de tema e torna-se autor da sua própria história, sua obra também demarca outra problemática fundamental: da escassez material da vida imposta como único tema 'permitido' à autoria que emerge da periferia (Miranda, 2019, p. 164)

A argumentação de Miranda se detém no fato de que Carolina foi limitada a relatar a fome, a pobreza e as agruras existentes na favela do Canindé, onde a autora viveu. O aspecto literário, incluindo o poético, foi posto de lado no efervescer de um negócio lucrativo, a venda da imagem da pobre mulher negra favelada.

Audálio Dantas destaca, no prefácio do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, na edição Ática, publicada em 2014, que, “Carolina, querendo ou não, transformou-se em um artigo de consumo e, em certo sentido, num bicho estranho que se exibia” (Dantas, 2014, p. 6). É, contudo, necessário enfatizar que nem mesmo Audálio Dantas se isentou nesse processo de usufruir da imagem vulnerável de Carolina naquele momento. Como destaca Miranda (2019, p. 164) “Com efeito, o texto editado por Audálio Dantas tornou-se um clássico que depois tornou-se em cárcere”. A autora argumenta que Dantas estabelece um limite para a escrita de Carolina: a autobiografia e o testemunho.

Miranda também critica a fala de Dantas, presente na apresentação do livro *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, do ano de 1961, que segundo ela é silenciadora:

Agora você está na **sala de visitas** e continua a contribuir com este nôvo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. [...] Guarde aquelas ‘poesias’, aquelas ‘contos’, e aquelas ‘romances’ que você escreveu (Dantas, 1961, p. 10).

As palavras de Dantas revelam um discurso colonial que tenta delimitar que o que é válido e o que é suficiente como expressão cultural que emerge do intelecto de autoria negra.

Revela ainda que ele tenta impor um limite no espaço criativo de Carolina, ao solicitar que ela “guarde” aqueles textos de outros gêneros. Além disso, é importante notar as aspas adicionadas pelo jornalista, que não admitem o teor literário presente nos textos das categorias em destaque, mas, como ressalta Miranda, visam relativizá-los, “suspendendo o próprio fundamento que sustenta estes gêneros: a literariedade, um princípio ficção” (Miranda, 2019, p. 166). Dantas torna-se, nesse momento, uma representação simbólica do branco europeu que dita as regras, que diz quando o negro pode ou não falar, e até que ponto essa fala é permitida.

No entanto, em contraposição a essas tentativas de apagamento e controle, observa-se, conforme Catoia (2018), que desde a década de 1940, acontece a criação de movimentos organizados pelo povo negro como a União dos Homens de Cor (1943), a Associação do Negro Brasileiro (1945), o Teatro Experimental Negro (TEN) (1944) e o Teatro Popular Brasileiro (TPB) (1950). Esses movimentos já articulavam a luta pela igualdade de direitos e representam um esforço coletivo para subverter a norma colonial e fortalecer a produção cultural afro-brasileira, na qual a própria Carolina figura como símbolo de resistência contra a norma hegemônica branca e discursos silenciadores como Dantas.

Quanto ao autor, Carlos de Assumpção, é um poeta, professor e advogado nascido em Tietê, São Paulo, em 1927. Além de *Protesto* (1982), a sua obra mais conhecida, seu arcabouço literário é constituído por *Quilombo* (2000) e *Tambores da noite* (2009), e sua importância está na participação com os *Cadernos Negros*, iniciado em 1978 (Cuti, 2010). Ainda na infância, ao redor de uma fogueira no quintal, ouvia de seu avô, Cirilo Carroceiro, histórias que se confrontavam com o pregado na escola, pelos livros didáticos, a respeito do passado do negro no Brasil, durante o período colonial (Assumpção, 2020). Carlos de Assumpção, apesar de produzir literatura há décadas, só recentemente tem ganhado espaço nas discussões acadêmicas e escolares.

As temáticas mais frequentes em suas obras são a identidade e ancestralidade negra, bem como a música e a religiosidade. Especificamente em *Protesto*, Carlos de Assumpção reconta, de modo chocante, a história do negro brasileiro no período antes e pós-abolição, mostrando as agruras vividas pelos ex-escravizados que foram responsáveis pela edificação do país e, foram enganados com uma “liberdade” que se mostrou uma segunda prisão, principalmente, pela invisibilidade e pela negligência estatal. É notável que o eu lírico desse poema é tomado por uma vontade de gritar, de romper com o silêncio imposto por séculos de dominação branca. Portanto, é um eu poético que protesta e luta pela conservação de uma memória e uma identidade não só individual, mas coletiva, bem como, pela liberdade de existir.

A emergência de discursos como o de Carlos de Assumpção, bem como o de Carolina Maria de Jesus, consiste na reafirmação de uma narrativa própria, que rompe com o padrão eurocêntrico de apresentar o povo negro sob uma visão terceirizada, e permite, em vez disso, uma perspectiva em primeira pessoa. Essas vozes são necessárias na construção de uma identidade nacional do povo negro, que não se fará de uma só vez, mas a cada passo que se dá nos movimentos sociais de práticas decoloniais. Como afirma Lélia Gonzalez:

Em termos de movimento negro e no movimento de mulheres se fala muito em ser o sujeito da própria história; nesse sentido eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. Não é fácil, só, na prática, é que vai se percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também é justamente uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico (Gonzalez, 2020, p. 312)

Gonzalez destaca que a construção da identidade é um processo que só se vê na prática. Introduzir autores negros nas discussões diárias, sobretudo nos ambientes de ensino, é uma prática necessária que contribui para o fortalecimento do movimento antirracista e para a difusão do conhecimento. Essa prática reflete no surgimento de Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção, que na década de 1950, 1960 e adjacências, período ainda mais próximo do momento em que se deu a abolição, articula um protesto audacioso de subversão e resistência do sujeito negro, mostrando que ele também pode falar, fazer arte, e que não renuncia a sua identidade.

Esse grito, expressão de resistência e anseio por transformação, encontra eco na fala de Pucheu (2021), ao destacar que a palavra “grito” é a mais repetida no poema *Protesto*, que foi lido e publicado pela primeira vez em 1958. Nesse sentido, o tópico seguinte deste trabalho contém uma análise das obras *Protesto* e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, estabelecendo uma relação de temática na poética de um autor e uma autora negra, com destaque para a construção do sonho de liberdade do ser negro na literatura brasileira.

### **3 A poética do sonho: Carolina Maria de Jesus e Carlos de Assumpção**

A escrita de Carolina Maria de Jesus foi, por diversas vezes, negada enquanto literatura, especialmente nos seus diários, publicados em 1960. Esse questionamento chegou inclusive a ocorrer em ambientes acadêmicos. Como mencionam Neto e Barros (2019, p. 63), Carolina “enfrentou um ‘problema’ na Academia Carioca de Letras. Dúvidas surgiram quanto à autenticidade de sua obra como literatura. Afinal, para muitos, uma mulher negra, favelada e de baixo nível de educação não poderia escrever literatura e figurar como cânone”, pois, como

afirma Silva (2020, 11): “autoras como Carolina Maria de Jesus só passarão a ser canônicas quando conseguirmos pluralizar o cânone”, visto que, a diversidade rompe com a padronização imposta pelo colonizador. No entanto, diversos empreendimentos de análise literária têm comprovado o caráter literário de sua escrita.

A poesia de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, entretanto, não foi muito explorada pela crítica, resultando em diversos questionamentos sobre como essa poesia é construída, e se há, de fato, uma linguagem poética no livro. Questiona-se como seria possível falar de poesia em uma obra que pertence ao gênero diário e que, mais especificamente, se concentra em descrever a vida diária de Carolina na Favela do Canindé. Antes de analisar o aspecto poético do texto, convém situar o gênero diário, do qual a obra faz parte. Philippe Lejeune (2008) propõe uma definição do gênero:

Digamos apenas que um diário serve sempre, no mínimo, para construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo). Quanto ao conteúdo, depende de sua função: todos os aspectos da atividade humana podem dar margem a manter um diário. A forma, por fim, é livre. Asserção, narrativa, lirismo, tudo é possível, assim como todos os níveis de linguagem e de estilo, dependendo se o diarista escreve apenas para ajudar a memória, ou com a intenção de seduzir outra pessoa (Lejeune, 2008, p. 261).

A definição de Lejeune aponta para a flexibilidade do gênero diário, que pode transitar entre diferentes estilos e formas de expressão, como narrativa, o lirismo e o texto memorialístico, de caráter mais introspectivo. Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, é possível notar essa liberdade formal, com a presença de diversas falas de Carolina que são marcadas pela presença de um lirismo ou pelo emprego de figuras de linguagem propositalmente para atingir a sensibilidade do leitor.

Lejeune (2008, p. 266) ainda afirma que “o diário talvez esteja na origem de uma nova estética, poética e existencial, baseada na fragmentação e na vibração”. A narrativa de Carolina, dessa maneira, ultrapassa o mero registro documental para criar uma obra que é a combinação de sua realidade exterior e cotidiana, narração fragmentada, e a sua subjetividade e desejos íntimos. Baseado nesse contexto em que se insere *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, esta parte do presente trabalho se lança à investigação do aspecto poético, da linguagem de essência lírica, presente nessa obra, ao mesmo tempo, fazendo uma relação com o poema *Protesto*, de Carlos de Assumpção.

A princípio, faz-se necessário, também, esclarecer o conceito de poesia, o qual aqui se discute. Conforme Paz (1982, p. 41) “A ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras

é uma metáfora.” Ora, sendo a metáfora a essência da poesia, e podendo ser associada ao trabalho estético da palavra, significa que todo texto é uma expressão poética? Necessariamente, não. Mas isso quer dizer que cada palavra possui a capacidade de aparecer em estado de poesia, uma vez que a poesia acontece pela representação, ou pela antítese. Uma palavra é posta fora de seu significado habitual para simbolizar o oposto ou algo incomum. Pode-se dizer ainda que a própria essência da linguagem é representação, pois cada palavra representa uma coisa no mundo real, por isso mesmo é que toda palavra pode se tornar uma expressão de poesia quando trabalhada nesse intuito.

Outrossim, a poesia está relacionada ao sonho, ao devaneio ou à utopia. Já na poesia moderna era assim. Segundo Moisés (2019), o poeta moderno se lançava profundamente à sua individualidade, à sua intimidade, de onde buscava extrair a matéria do sonho e da realidade, a qual seria transposta para seus poemas. Essa matéria de sonho está presente em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Protesto*. Lá, percebe-se a manifestação do discurso de um ser negro que busca a liberdade de existir, de gozar do direito pleno de cidadania em um Brasil que exclui, e só reafirma, portanto, a importante contribuição dessa obra para reflexões do ponto de vista decolonial. Assim, analisa-se a partir de agora alguns excertos dessas duas obras, apegando-se ao seu aspecto poético e à busca dessa liberdade. Como primeira análise, elenca-se o seguinte excerto, da obra *Protesto*:

Mesmo que voltem as costas  
Às minhas palavras de fogo  
Não pararei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar  
(Assumpção, 2020, p. 35).

No excerto acima, a expressão “voltem as costas” remete à ideia das múltiplas personalidades que, ante à realidade do sujeito negro no Brasil, viram as costas, ocultando o rosto, pois não suportam admitir a igualdade entre o negro e branco. Esse ato de ignorar, no entanto, não é capaz de conter o “grito” daqueles que, cansados da opressão, exigem seu lugar na nação. Mais que isso, é preciso entender que, “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (Ribeiro, 2020, p. 42). O ato de gritar é uma tentativa de ser ouvido, portanto, com base na fala de Ribeiro, o grito torna-se uma busca pela vida em seu sentido pleno, com todos os direitos garantidos. A imagem do “grito” também remete à ideia de uma voz que precisa ser ouvida com urgência, de modo que o simples falar não é suficiente. Quem grita está distante, logo, isso revela a ideia de um ser que

habita longe, à margem. A palavra “gritar” se repete no trecho destacado com o intuito de enfatizar essa urgência, fazendo com que essa voz forte ressoe no poema como um eco.

Esse mesmo ser que grita, quando fala, direciona “palavras de fogo”, palavras que podem, como uma chama, destruir o discurso falso, racista, a mentira, as barreiras sociais. Essas palavras têm uma violência, a ponto de ultrapassar qualquer barreira: o fogo consome tudo o que toca. Por se tratarem de um protesto, essas palavras ardem, causam desconforto àqueles que viram as costas, não ficarão ilesos. O eu lírico é alguém que não admite a estagnação e o regresso. Suas palavras não serão ditas em vão. Ademais, tomando como referência as leis irlandesas, Chevalier; Gheerbrant (2020, p. 544, grifo nosso) afirmam que “o grito tem valor de *protesto*”, dessa forma, a ação de gritar está intrinsecamente relacionada ao título do poema.

De forma semelhante, há em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* um discurso de protesto, pronunciado por uma mulher que não admite o silêncio, mas ousa denunciar e clamar por direitos. Tal como pode ser percebido no seguinte excerto:

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome. (Jesus, 2014, p. 35).

O excerto acima revela um escancaramento urgente e necessário sobre a realidade dos brasileiros residentes em favelas. Aí está uma fala com um tom um tanto satírico, uma vez que a comicidade também é protesto (Bergson, 2018), e também uma linguagem metafórica, marca do poético, que produz uma maior intensidade na mensagem transmitida. Juscelino Kubitschek<sup>4</sup> é apresentado como sendo um “sabiá”, um pássaro de belo canto, revelando que o seu discurso político, tal qual o de grande parte dos governantes brasileiros, tem essa característica: é sempre belo, mas mentiroso.

A “gaiola de ouro” é referência ao Catete, palácio no qual residia o presidente da República, no luxo, no conforto, o que contrasta com as vivências daqueles que são postos à margem. Os favelados são identificados como os “gatos” que, diferente da situação de Kubitschek, têm fome. Não se pode ignorar que tal discurso é proferido por uma mulher negra, o que evidencia a desigualdade estrutural vivenciada por ela e por milhões de brasileiros,

---

<sup>4</sup> Juscelino Kubitschek foi presidente da república entre os anos de 1956 a 1961, conhecido pelo seu lema "cinquenta anos em cinco", que visava impulsionar a industrialização e a modernização do Brasil. Apesar de ter alcançado parte de suas metas, deixou a desejar em outros diversos pontos, recebendo críticas em relação às dívidas externas do país e o aumento das desigualdades.

especialmente o sujeito negro que, no período pós-abolição, foi lançado às margens da sociedade. Como afirma Ciconello (2008, p. 8) após o fim da abolição...

[...] não foi implementada qualquer política para a inclusão de negros/as libertos e ex-escravos/as ao mercado de trabalho. Os mesmos ficaram sem lugar na agricultura e na indústria nascente, espaços ocupados pelos imigrantes europeus

Desse modo, sem condições de sobreviver nos centros, os negros foram obrigados a se retirarem, e as favelas passaram a ser o seu refúgio. Nesse mesmo período se inicia um projeto de embranquecimento da população afro-brasileira, com o incentivo à vinda de trabalhadores europeus, como menciona Rodrigues (2022, p. 5):

No início do século XX, questões relativas ao desenvolvimento, industrialização e progresso da nação acompanhavam o cenário político brasileiro. Impulsionadas por ideais eugenistas, o branqueamento da população, com vistas à purificação da raça, passava a ser uma política governamental cujas estratégias incluíram a abertura do Brasil para a imigração europeia de países como Alemanha e Itália

O projeto de embranquecimento além de buscar o apagamento cultural e físico da população negra, contribuiu para a sua exclusão, relegando o povo negro aos espaços marginalizados, dentre os quais estavam as favelas, na época, sem saneamento básico, sem acesso à educação de qualidade e qualidade de vida, o que contribuía para a manutenção das desigualdades sociais.

Carolina, vivendo na favela do Canindé, encontrava-se em situação de invisibilidade social, de modo que chegou a dizer: “A vida é igual um livro. Só após ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (Jesus, 2014, p. 167). Por meio dessas palavras, Carolina revela sua condição de mulher negra, vivendo o improvável, como num livro, pois, se viver é admitir surpresas, quanto mais será viver no Brasil sendo uma mulher negra, pobre e mãe solteira, em um país que ainda é marcado pelo racismo e pelo machismo, que introduz o sujeito negro feminino em situação de vulnerabilidade constantemente.

Nessa fala de Carolina, o preto ganha destaque. O preto remete à sua identidade racial e, ao mesmo tempo, é utilizada de forma metafórica para falar do lugar físico e da circunstância em que habitava, em meio à escuridão, à invisibilidade social, ao “quarto de despejo”. Mesmo estando nessa situação, Carolina não se deixa abalar e, se em *Protesto* há um sujeito negro forte, com “palavras de fogo”, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* esse sujeito se



caracteriza pelo poder de corte que essas palavras podem ter, conforme se percebe no seguinte excerto: “Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada, e as feridas são incicatrizáveis” (Jesus, 2014, p. 48). Aqui, a palavra “espada” transmite o poder do discurso negro que é capaz de “cortar” as cordas de prisão que o racismo traz e fere o ego do opressor.

Esse discurso negro de protesto, revolta e de busca pela liberdade é coletivo, envolvendo as vozes da ancestralidade, é uma luta do passado e do presente, como destaca o seguinte excerto de *Protesto*:

Atrás do muro da noite  
Sem que ninguém o perceba  
Muitos dos meus ancestrais  
Já mortos há muito tempo  
Reúnem-se em minha casa  
E nos pomos a conversar  
Sobre coisas amargas  
(Assumpção, 2020, p. 35).

Nessa parte do poema, destaca-se a expressão “muro da noite”, que sugere a existência de uma barreira de separação entre a dor junto à prisão e a liberdade. O negro, nessa situação, precisa fazer suas reuniões às escondidas, privado da liberdade de expressão. O termo “ancestrais” lembra os antepassados da comunidade negra que, de igual modo, se reuniam à noite, às escondidas, em busca de uma saída para sua condição naquele momento. Outrossim, isso remete à tradição oral, à resistência de mitos e ritos, à força coletiva em busca de seus ideais, visto que essas mesmas pessoas do passado “reúnem-se” pelo eco da memória ancestral que existe no sujeito negro hoje. Por fim, o termo “amargas” representa as dores das lembranças e as cicatrizes deixadas pela opressão e pelos grilhões aos quais os negros estiveram sujeitos, acorrentados no passado. Em seguida, o poema descreve melhor a prisão onde os ancestrais do eu lírico, juntamente com ele, têm sido submetidos até hoje. Eles conversam sobre os:

Sobre grilhões e correntes  
Que no passado eram visíveis  
Sobre grilhões e correntes  
Que no presente são invisíveis  
Invisíveis mas existentes  
Nos braços no pensamento  
Nos passos nos sonhos na vida  
De cada um dos que vivem  
Juntos comigo enfeitados da pátria  
(Assumpção, 2020, p. 35-36).

No texto acima, a palavra “grilhões” representa a escravização do negro no passado. Eram correntes visíveis, mas afetavam não só o corpo, mas o próprio ser, a existência. Essas

correntes de prisão, passaram a ser “invisíveis”, uma prisão sistêmica, pela discriminação racial. Por exemplo, em uma entrevista de emprego, quando o candidato negro é preterido sem um motivo aparente, ou quando ele é barrado por policiais em shoppings e em lojas e é seguido por policiais sem nenhum motivo. Isso é uma escravidão que usa correntes invisíveis.

Acerca dessa prisão do corpo negro no nível social, Natália (2020, p. 215) descreve o seguinte:

Nosso corpo está aprisionado ao imaginário colonial branco, e nossa mente está permanentemente lesada por isso, vivendo com o trauma de ter um corpo errado, que vive em descompasso com aquilo que se crê ser o modelo, para nós impossível, ser um sujeito ante ao espelho.

Portanto, essa escravidão é social e psicológica. Ela afeta as mentes, o corpo e, segundo Assumpção, afeta os “passos” da pessoa negra, de modo que dificulta qualquer caminho que esta deseja trilhar. Também está em seus “braços”, fazendo-a suportar o peso da opressão.

Como mostrado anteriormente, o eu lírico do poema *Protesto* também afirma que as correntes invisíveis e existentes afetam os “sonhos” da pessoa negra. Esse sonho representa a esperança de um futuro melhor e mais justo, em que o sujeito negro possa ter a plena liberdade de exercer sua cidadania, de seguir os passos que deseja, como acontece com o branco. Esse sonho é o mesmo que estava sendo anunciado em 1961 por Martin Luther King, quando disse em um de seus discursos: “Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença” (King, 2006, p. 7). Nesse sentido, a ascensão de figuras negras na literatura, na política ou na universidade brasileira é um marco na concretização desse mesmo sonho no Brasil. Trata-se de um sonho coletivo do sujeito negro, que transcende a nacionalidade.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, percebe-se a manifestação desse sonho quando, de uma forma poética, utilizando-se de metáforas, Carolina expressa o seu desejo de liberdade, como se destaca no seguinte excerto:

Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso (Jesus, 2014, p. 120).

Acima, a palavra “anjo” remete a algo sublime, Carolina, portanto, estava em um estado de elevação, com um vestido amplo e “cor de rosa”, a cor que representa a delicadeza e a pureza, de modo que ela vivenciava aquele momento do sonho em sua essência, em pureza de ser. Ela

“ia da terra para o céu”, portanto, transitava de forma livre, sem as barreiras sociais que vivenciava no mundo físico. Também sem limites, “pegava as estrelas com a mão”, alcançando assim os astros, aquilo que há de mais elevado no universo, chegando em uma relação tão íntima que podia conversar com eles. A homenagem prestada pelas estrelas remete ao reconhecimento do sujeito negro, algo que se busca no mundo físico.

Por fim, havia um “risco luminoso” ao redor de Carolina, de modo que esta não se encontrava mais à margem, não mais na escuridão do “quarto de despejo”, mas no centro, sob a luz. Isso retoma a ideia do poema *Protesto*, destacando que as pessoas negras precisam conversar sob o muro da noite, às escondidas. Assim, o “sonho” se configura como uma válvula de escape da realidade que cerca o sujeito negro brasileiro. Esse desejo ainda não se concretizou, mas é algo que se constrói pelas lutas diárias de todos os brasileiros que buscam igualdade e justiça social.

Ainda retomando a ideia das correntes visíveis e invisíveis, mencionadas no poema *Protesto*, destaca-se que, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é relatado o dia 13 de maio de 1958, o dia da abolição, a celebração da libertação dos povos escravizados no Brasil. Na ocasião, Carolina relata o seguinte: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual — a fome!” (Jesus, 2014, p. 32). Dessa forma, diferente do passado, onde os negros eram escravizados fisicamente, pelo corpo, hoje são escravizados também pela fome, por não possuírem aquilo que atenda às necessidades básicas para a sua existência, o que se configura como mais uma das diversas “correntes invisíveis” do racismo. Tem-se aí uma linguagem figurada, mas que se configura como uma realidade: a fome é a escravidão atual.

Há ainda no poema *Protesto* e no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* outro aspecto que merece destaque, a menção a dureza da vida e de tudo o que cerca a pessoa negra no Brasil, país marcado pelo racismo. Nesse sentido, o eu lírico do poema *Protesto* afirma:

O alicerce da nação  
Tem as pedras dos meus braços  
Tem a cal das minhas lágrimas  
Por isso a nação é triste.  
(Assumpção, 2020, p. 37).

No trecho destacado, a palavra “pedra” representa a dureza do trabalho exaustivo pelo qual a pessoa negra passou durante a edificação da nação. A pedra é a base de uma construção, também a parte mais importante de uma casa ou edifício. Logo, ao dizer que o alicerce da nação contém as pedras de seus braços, o eu lírico mostra que o braço negro foi o responsável pelo deslocar das pedras colocadas na base na nação. Ainda diz que esse alicerce contém o “cal” de

suas lágrimas. A cal é uma substância dura utilizada entre as pedras ou tijolos de uma construção, para fixar um bloco ao outro. Lágrimas, por outro lado, são suaves, líquidas e remetem ao choro. Que as lágrimas desse eu lírico se tornam cal, remete à dureza desse pranto, congelado para sempre na história da nação. Falar da evolução do Brasil implica falar do suor negro e de suas lágrimas, derramadas nesse propósito.

Essa dureza, entretanto, não está somente no passado, é algo presente na realidade de várias pessoas. Carolina também vivenciou a dureza da vida como uma mulher negra vivendo à margem social. Como ela mesma relatou no seguinte excerto: “Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (Jesus, 2014, p. 41). Percebe-se aqui que até mesmo o alimento e os móveis de casa são instrumentos de classificação de posição social. Ao dizer que “duro” é o pão que comia com seus filhos, Carolina não está simplesmente falando do pão físico, do alimento, mas também da dureza que era a vida diária na busca do sustento de sua família conquistado às custas de um trabalho duro e exaustivo.

O fato de Carolina dizer que dura é a “cama” em que dormiam, novamente pode ser visto como uma metáfora que diz respeito não só à dureza do leito, um lugar de repouso, mas também ao que se passava nesse lugar, em meio à constante preocupação sobre como iria conseguir o sustento da família no dia seguinte. Por fim, ela relata que dura é a vida, de modo que tudo é difícil, toda a realidade que enfrentou foi marcada de alguma forma pelo sofrimento. Mas não foram somente momentos de sofrimento que marcaram a vida de Carolina. Por diversos momentos, em seus diários, ela relata que cantava, que estava feliz com a vida. Também após saber que seus diários haviam sido publicados, ela relata o seguinte:

Na redação, eu fiquei emocionada. [...] O senhor Antonio fica no terceiro andar, na sala do Dr. Assis Chatobriand. Ele deu-me revista para eu ler. Depois foi buscar uma refeição para mim. Bife, batatas e saladas. Eu comendo o que sonhei! Estou na sala bonita. A realidade é muito mais bonita do que o sonho (Jesus, 2014, p. 173).

Vê-se, desse modo, a concretização de algo simples, que para Carolina era um sonho, por ser algo ideal, quase inalcançável na sua condição de mulher negra. O simples ato de comer uma refeição digna torna-se para ela motivo de comemorar e, de fato, há que se comemorar, uma vez que a sua realidade é a de muitos brasileiros que hoje não têm o que comer. Conforme afirmam Jesus; Hoffmann e Miranda (2024, p. 01): “enormes contingentes populacionais encontram-se na miséria e passam fome; a subnutrição e a insegurança alimentar ainda fazem

parte do dia a dia de muitas pessoas”. A luta de Carolina pela melhoria de vida, portanto, reflete a batalha atual que enfrentam muitos ainda.

Por fim, menciona-se a autoafirmação de Carolina enquanto poetisa do povo como passo importante para a liberdade, para o alcance do sonho do sujeito negro de ser livre. Essa autoafirmação é perceptível no seguinte excerto: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (Jesus, 2014, p. 39). O fato de Carolina definir-se como poetisa é fundamental para seu reconhecimento na literatura e para o rompimento com os limites que a sociedade impõe à pessoa negra, pois, de acordo com Ribeiro (2020, p. 44) “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora.” Logo, definindo-se, produzindo literatura, fazendo história, demarcando o seu lugar, o sujeito negro caminha rumo ao alcance da sonhada liberdade de existir como sujeito pleno, que goza de direitos e da igualdade.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, objetivou-se apresentar uma análise comparativa das obras *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Protesto*, de Carlos de Assumpção, observando a relação de temáticas e de aspectos próprios da essência poética. Para tanto, destacou-se que ambas as obras, escritas em períodos semelhantes, na década de 1950, apresentam a voz íntima, de essência lírica, do povo negro que luta pelo alcance de um “sonho”, a liberdade de existir e de ser um sujeito pleno. Busca-se a igualdade de direitos e a justiça. Assim, há também um discurso de protesto, de subversão, um grito que tem sido impresso em tinta na literatura brasileira, nos acontecimentos da história e na memória brasileira por longos séculos, pela literatura oral dos povos de ancestralidade africana, mesmo quando estes não entravam para o cânone literário brasileiro, bem como pelo sangue derramado de muitos. Trata-se, portanto, de um discurso de re(e)xistência.

Ademais, sobre o fazer poético, não se trata somente de construir um poema, com uma estrutura metrificada, rimas e ritmos, pois a poesia é uma manifestação intrínseca à linguagem humana. Toda palavra, quando trabalhada pelo poeta, pode se tornar poesia, passando a revelar outras possibilidades de sentidos além do sentido do dicionário, isto é, literal. Além disso, verificou-se que a poesia se relaciona com o sonho, o devaneio ou a utopia. Portanto, pode-se afirmar que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é um livro escrito com linguagem de essência lírica, poética, pois contém (inclusive, utilizando-se de diversas figuras de linguagem)

um discurso de busca deste sonho que este trabalho trata, isto é, essa utopia de alcançar um Brasil ideal, mas, ao mesmo tempo, possível.

## Referências

- ASSUMPTÃO, Carlos de. *Não pararei de gritar: Poemas Reunidos*. Organização: Alberto Pucheu. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre o significado do cômico*. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.
- BERND, Zilé (org.). *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE/ IEL/ IGEL, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- CATOIA, Cinthia de Cassia. O Movimento Negro (1940-50) e a emergência do debate político sobre legislação antirracismo no Brasil. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v. 7, n.1, p. 30-49, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/841>. Acesso em: 23 set. 2024.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 34. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. Oxfam international (Org.). *In: From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World*. Oxfam International: Londres, 2008. p. 1-14.
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. *In: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 6-8.
- DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social. *In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA, Livraria Francisco Alves, 1961. p. 5-10.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, Brasília, 1, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2 download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 24 set. 2024.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/>. Acesso em: 23 set. 2024.

- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/>. Acesso em: 05 dez. 2024.
- FIGUEIREDO, Angelo Henrique Silva de. *Por que não Augusto dos Anjos?* As interfaces do poeta de Engenho Pau d'Arco em uma análise comparativa com Cruz e Sousa, o Cisne Negro do Simbolismo brasileiro. 2021. 56 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 1-220.
- GOMES, Cinthia Maria do Carmo. “*O que era preto se tornou vermelho*”: representação, identidade e autoria negra na imprensa do século XIX por Luiz Gama. 2020. 97f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 21-47, jul./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832014000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/LMRLRFGjBYPn5w3QQDbBT6y/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JESUS, Josimar Gonçalves de.; HOFFMANN, Rodolfo; MIRANDA, Sílvia, Helena Galvão de. Insegurança alimentar, pobreza e distribuição de renda no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural - RESR*, Brasília, v. 62, n. 4, p. 1-22, abr., 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2023.281936>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/W9DRqD5GVNYQYgNck47nz5B/>. Acesso em: 24 set. 2024.
- KING, Martin Luther. *Um apelo à consciência: os melhores discursos de Martin Luther King*. Organização de Clayborne Carson e Kris Shepard. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 1-220.
- MIRANDA, F. R. *Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia para quê? A função da poesia e do poeta*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- MOREIRA, Dayane da Silva; COSTA, Jacqueline da Silva. Carolineando existências: A escrita de Carolina Maria de Jesus reverbera nas vozes de mulheres negras. *Identidade!*. São Leopoldo, v. 28, n. 2, p. 54, jan./jun., 2023. Disponível em:

[https://revistas.est.edu.br/periodicos\\_novo/index.php/Identidade/article/download/2573/2269](https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/download/2573/2269). Acesso em: 04 dez. 2024.

NATÁLIA, Livia. Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 206-224.

NETO, Naimi Alves; BARROS, Juliana Carvalho de Araujo de. Literatura e vozes literárias em ascensão: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo. *REVELL Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, VII EIEL. v. Extra 1, n. 1, p. 60-72, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6863065>. Acesso em: 23 set. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de.; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr., 2010. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000100002&script=sci_abstract). Acesso em 05 dez. 2024.

PAZ, Octavio. *O arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, José Gomes. Uma análise sobre as categorias de desumanização do sujeito entre as personagens negras na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 994-1011, jul., 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i2.2245>. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/2245>. Acesso em: 21 set. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun., 1989. Disponível em: <https://hml-bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 21 set. 2024.

PUCHEU, Alberto. Carlos de Assumpção: o verso, o avesso, o preço da vanguarda. *Revista Igarapé*, Porto Velho, v. 14, n. 1, p. 42-63, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47209/2238-7587.v.14.n.1.6376>. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/6376>. Acesso em: 23 set. 2024.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez* (Coleção Retratos de um Brasil Negro). São Paulo: Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 1-13, 2022. DOI: 10.1590/1806-9584-2022v30n274733. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/nRQkM4Vs7WSVX4TF6tdxhBt/>. Acesso em 05 dez. 2024.

SANTOS, Estela Pereira dos. A representação da violência em favelas paulistas: Capão Pecado, de Ferréz, e Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. *Revista Trem de Letras*, Alfenas, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/805>. Acesso em: 25 set. 2024.

SILVA, Cidinha da. A roda gira: E é sobre a operacionalidade do racismo que precisamos conversar. In: JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.



SILVA, Gabriela Moreira. *Registro do abandono social em Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus*. 2022. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Letras - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

*Recebido em 05 de outubro de 2024*

*Aceito em 09 de dezembro de 2024*